

## **(SOBRE)VIVÊNCIAS: SENDO CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE RUA JUNTO A EDUCADORES SOCIAIS**

**Jacyara Silva de Paiva – UFES**

[jacyara@superig.com.br](mailto:jacyara@superig.com.br)

### **Resumo**

proposta do artigo é refletir sobre o fenômeno de crianças e adolescentes em situação de desamparo e abandono no país e destaca a urgência e a importância em pesquisar essa temática. O artigo foi elaborado com base na dissertação de mestrado desenvolvida pela autora que tem como objetivo estudar a gênese (o que é) e a interdinâmica indissociável à gênese (como é) do ser humano criança ou adolescente em situação de rua, nos modos como eles se (des)velam, aparecem e permitem ser capturados pelo olhar sentido da pesquisadora. A pesquisa é de inspiração fenomenológica-existencial.

**Palavras chave:** fenomenologia; compreensão; direito; rua; criança e adolescente

É impossível ensaiarmos estar sendo deste modo sem uma abertura crítica aos diferentes e às diferenças, com quem e com que é sempre provável aprender.  
(Paulo Freire)

Interesso-me pelo cotidiano dinâmico das crianças e adolescentes em situação de rua. Esse é um universo que me co(move) e me leva a ter um olhar atencioso de sentido e de cuidado. Um universo rico, repleto de constelações, cheio de apoteoses que às vezes nos fazem rir ou chorar. Para mim, escrever acerca dessas crianças é algo comove(dor), pois me proponho a compreender com meu olhar um mundo que não é meu, com os horizontes de educadora social que sou, sempre me colocando próximo a elas.

Compreendi o quanto são frágeis e ao mesmo tempo fortes; senti sua resistência e resiliência diante das situações mais adversas que um ser humano pode passar, e principalmente aprendi... Ah, quanto aprendi com eles! Seus valores são notadamente marcados, como o estar em grupo, o ser solidário e o ser dialógico o tempo todo, pois a rua, acreditem, é um espaço de diálogo.

Aprendi também que a rua é uma grande e imensa sala de aula onde processos educativos ocorrem quer queiramos, quer não. A rua possui um ordenamento jurídico próprio seguido quase a risca por quem nela vive, a rua é “casa” no dicionário social. O núcleo da família é ali representado pelo pai e pela mãe de rua.

O mundo-da-vida dessas crianças são as ruas do Município de Vila Velha; lugares como as casas lares, as unidades de internamento, e a Secretaria de Ação Social (Departamento de

Abordagem de Rua), que possuem um *olhar sentido* voltado para crianças e adolescentes que têm as ruas como seu local de trabalho ou o seu lar. Ali me envolvi em profundas e intensas relações de aprendizagem e estudo.

A sociedade rotula essas crianças e adolescentes de uma forma negativa, não condizente com o que elas desvelam a mim e a outros que delas se aproximam buscando olhar suas possibilidades; não condizente, também, com sua esperteza e agilidade, não condizente, enfim, com sua sensibilidade. As crianças são, por isso, muitas vezes agressivas e estão sempre em estado de tensão e prontidão, pois, a rua - com seus desvios e perigos oferecidos pela própria sociedade que devia proteger a criança e adolescente – impõe esse tipo de comportamento como forma de sobrevivência e até mesmo de proteção.

Em nossa observação do existir humano da criança e do adolescente em situação de rua, encontramos semelhanças com o existir do Educador Social: ambos estão sendo resistentes, resilientes e participantes de histórias a serem escritas. A vocação para a liberdade, o desejo de espaço, o mal-estar com normas e convenções que capturam e controlam a pessoa, a insistência em utilizar as mais diversas burlas e táticas, talvez e apenas talvez, sejam características que aproximem essas crianças dos Educadores Sociais. Isso os torna de alguma forma semelhantes, ainda que tão diferentes, uma vez que tanto os educadores quanto as crianças de rua precisam burlar o sistema que aponta como única alternativa de educação a “escola oficial”.

## 1 TRAJETÓRIA

A partir de uma metodologia de inspiração fenomenológica existencial, adequada para estudar a experiência vivida de crianças e adolescentes em situação de rua, eu intencionalmente vou ao encontro desses sujeitos, com os quais tivemos contato na produção de dados. Com alguns tivemos vários encontros, com outros apenas um. Por causa do tempo vivido com eles, emergiram três adolescentes que abriram horizontes de compreensão significativos com suas narrativas e histórias.

Como convém a um estudo de inspiração fenomenológica, os relatos e narrativas da pesquisadora e das crianças e adolescentes em situação de rua foram a fonte principal de dados. Mergulhamos existencialmente junto essas crianças e adolescentes, e de modo

interdinâmico nos distanciamos reflexivamente. Através da reflexão, procura-se compreender os significados do que é e como é *ser sendo*. Tentamos, também pela reflexão, capturar a existência vivida, o mundo-da-vida de *ser sendo* na rua ou em outro espaço. Tentamos, por fim, compreender o que era desvelado/percebido/sentido, procurando imaginar um mosaico existencial.

## 2 A RUA: O INÍCIO, A RUGA, LABIRINTOS... LUGAR DO NÃO DIREITO...

A rua foi para mim, o espaço de brincar de pique, de queimada, de cabra cega, de amarelinha, de roda. Era um tempo gostoso compartilhado pelos vizinhos nas noites em que faltava luz. Nesse espaço aprendíamos a viver em grupos, a (com)partilhar as brincadeiras, inventar estórias, criar brinquedos. A rua é o meu lugar de trabalho. Minha ruga! Por isso, um dos objetivos desse estudo, é descrever a experiência com a rua e seu significado, e com isso desvelar os sentidos que conduziram a esse lugar/espaço público.

## 3 COMPREENDENDO O VIVIDO

Estive a (pró)cura dos modos de *ser sendo* das crianças e adolescentes em situação de rua e de como poderíamos compreender a força de um grupo em sua sobrevivência existencial. Nada muito obsessivo, mas algo para me orientar. O sentido, diz-nos Frankl (1991), é algo que nos dá um rumo e uma direção ao nosso *ser sendo*.

Inspirada pela leitura existencial (empática) que fiz (ESCOREL, 1999), atravessei o “deserto do campo de pesquisa à flor da pele”. Às vezes com coragem, outras vezes com covardia, outras ainda com ousadia e atrevimento. Muitas vezes, envolvi-me e precisei de muita força para me distanciar da situação para que a pesquisa não perdesse a possibilidade de ser descrita (e testemunhada pelos leitores). Apreendi que as capturas acontecem a despeito das teorias que estão em nossa mente, afinal, estamos falando de vidas e do mundo-da-vida de pessoas que se fazem e (re)fazem; pessoas que vivem, sobrevivem, resistem e aprendem.

Uma atitude (e habilidade) indispensável para o pesquisador é a escuta, o diálogo, o respeito por aquele de quem se está diante. Sem uma escuta sensível e refinada, pouco é possível. É necessário um cuidado com os meninos e meninas que já naturalizam as injustiças recebidas, e um desempenho cuidadoso na ajuda concreta e psíquica. Torna-se vital também, uma escuta

ativa que se abra ao diálogo (FREIRE, 1988). Um diálogo impregnado não só afeto, mas também de respostas dialogadas com teor crítico social. Nesse aspecto Paulo Freire é o teórico que mais auxilia o ofício de ser educadora de rua.

Os relatos dos grupos indicam que nenhum menino rompe de vez com a escola, com a casa e com a família. O rompimento acontece como “a noite que vai sendo tragada pelo dia”. Trata-se de um *modo de ser sendo* “*otimista trágico*”, no dizer de Frankl (1991), há alienação que o faz enfrentar, há sorrisos e alegria em meio a tragédia. As crianças e adolescentes em situação de rua vão se encontrando, encostando-se, agrupando-se, tocando-se. Começam indo um dia, depois dois, e vão prolongando cada vez mais o tempo de permanência na rua. Vão se fazendo pertencer, até que um dia dormem nas ruas “iluminados pela luz da lua”, como um ritual de passagem para a vida definitiva na rua. Talvez o último ritual. Uma experiência nem sempre positiva, mas para a qual os sujeitos inventam “táticas” (CERTEAU, 1994) que provocam seus *modos de ser sendo na invenção de sentido de vida*.

[...] eu não vinha para rua todo dia. Quando eu era pequena vinha com minha avó catar papelão, a gente não vinha todo dia, depois eu cresci e comecei a vir com as minhas primas todo dia depois da escola, aí a gente começou a faltar aulas alguns dias e vinha direto para Coqueiral, um dia a gente perdeu o ônibus, aí dormimos aqui com os meninos que a gente já conhecia, fiquei com medo, mas depois até gostei. Dormimos com os meninos numa casinha na praça. Agora acho que tem um mês que tô na rua direto, mas eu vou em casa levar dinheiro para minha vó [J. 10 anos de idade] (PAIVA, Diário Itinerante).

Durante todo tempo de produção de dados escutamos “cacos” de discursos, como peças (lingüísticas) metafóricas, soltas, monossilábicas. Esses fragmentos se transformam num imenso quebra-cabeça que pode ou não ser montado ou decifrado pelo pesquisador (e pelo leitor).

Estou nas ruas há um tempão [balança as mãos e olha para cima]. E eu não acho ruim não, aqui eu fico com quem eu quero. Ontem fiquei com A, amanhã já combinei ir para casa do pai do meu filho. Aquele taxista tia, ele queria até casar comigo, eu que não quero [V.16 anos de idade, paulista, há 3 anos em Coqueiral, portadora do vírus HIV] (Diário Itinerante).

No grupo, as crianças e adolescentes irão encontrar ou eleger o *Pai* e a *Mãe* de rua, reproduzindo a família que deixaram e que a sociedade impôs. De qualquer modo, revelam-se os *modos de ser sendo do desejo de proteção*. A mentira também é usada como um mecanismo de proteção, e por esse motivo é aceita no grupo, fazendo parte das regras constitutivas para sobrevivência e enfrentamentos. O Pai e a Mãe de rua – de uma maneira geral – são adultos que protegem, educam, exploram, impõem castigos cruéis e, por isso, são

extremamente respeitados pelas crianças e adolescentes que com eles convivem. Da escola, fala-se muito pouco.

Tia, eu não sei de nada que me ensinaram na escola. A tia de lá falava e a gente não guardava na cabeça. Eu não tirava nota boa. Tudo que a tia ensinava era complicado, aí eu largava de mão e fazia a maior zona na sala, mas eu gostava da escola [F., 12 anos de idade; um dos poucos que revelou, sem eu perguntar, que desejava retornar à escola] (Diário Itinerante).

Esse tipo de verbalização da parte deles é rara. O grupo de rua não recompensa essa instituição. Nesse clima persecutório, eles nomeiam tudo o que se Vê/Escuta/Sente. “[...] aqui X9 não tem vez não” relata o adulto R que lidera o grupo da Praia da Costa. Não se pode dever “dinheiro” (ou outro objeto de troca) também. As dívidas precisam ser pagas e quem não o faz pode ter castigos como surras e estupros ou até mesmo pagar com a própria vida.

[...] uma vez tia, veio um carinha lá da Serra, pegou duas garrafinhas de “tinner” e na hora de pagar mandou a gente se f..., Aí a galera pegou ele. Ele foi mulher de todo mundo. Nunca mais ele apareceu aqui e se aparecer a galera pega ele [M. de 14 anos] (Diário Itinerante).

Eles possuem um ordenamento jurídico próprio e burlam as normas sociais. Saem de casa (denunciando que ficar ali nem sempre é bom) para “morar” nas ruas, e o fazem nos *modos de ser sendo com necessidade de conforto e de denúncia social*: procuram morar em lugares “nobres”.

A realidade dos diversos grupos existentes nas ruas de Vila Velha pode ser percebida. Essas crianças sobrevivem entre a tragédia e a inocência, ora sendo caça, ora caça(dores), indo de encontro a todas as probabilidades. Pelas relações interpessoais significativas, elas conseguem expressar-se nos *modos de ser sendo da sobrevivência*, com esperança e resistência, permitindo-se serem solidárias e até mesmo felizes. Durante o tempo todo, mesmo nos relatos mais dramáticos, não percebo infelicidade de forma alguma. Mesmo vivendo imersos nas injustiças sociais, esses meninos conseguem ter seus momentos de felicidade. Como se renascessem das cinzas. Nietzsche (apud YALOM, 2005, p. 07) escreveu em “Assim Falou Zaratrusta” – “Você tem que estar preparado para se queimar em sua própria chama: como se renovar sem primeiro se tornar cinzas?”

Intermediado pela pesquisa, foi constatado que se a miséria não é o único agravante para que as crianças e adolescentes (sobre)vivam em situação de rua, pelo menos tem sido um dos principais, já que esse fator tem levado a um contingente cada vez maior dos “filhos da

pobreza” às ruas, em busca de melhores condições de vida, de comida, enfim, em busca das condições básicas que deveriam ser supridas pelo Estado, legitimadas pela sociedade.

Tia, lá em casa tem muito menino, não é só da minha mãe não, tem também os das minhas tias. Contando os pirralhos todos dá uns onze. Tia, pão a gente não come todo dia não, por isso é que a gente precisa ajudar vendendo amendoim, mas primeiro eu vou para escola, se não minha mãe não recebe o dinheiro da ação social (bolsa família, programa do Governo Federal), você compra um? Você pode me levar de Kombi para casa? Eu estou com mais uma prima e uma vizinha, elas estão lá em baixo [J.M., 9 anos de idade e vende amendoim na praia de Itaparica, parece que ainda não se envolveu com o grupo que vive nas ruas] (Diário Itinerante).

As meninas são um capítulo a parte. Apesar de lutarem com os meninos de igual para igual pela sobrevivência, elas estão mais expostas. São usadas por oprimidos, opressores, e trazem consigo parte dessa sociedade excludente e machista. Nas ruas, experienciando e sentindo a falta concreta de opções, seu “*ser sendo*” constrói-se a partir de designações negativas de outras pessoas. É a sociedade moralizadora que as denomina de “perdidinhas”, “bandidas”, “desgraçadas” e “prostitutas”.

Tem jeito para mim não tia, olha aí, tá vendo como essas Patricinhas me olham (aponta para umas adolescentes que passam na rua e as encara)? Acham que a gente é bicho, bandido, quer saber? Sou mesmo e não tô nem aí [S., tem 17 anos de idade, possui muitas marcas físicas de rua, cicatrizes profundas – que compõem um estigma – mas ainda continua muita bonita e é muito vaidosa também] (Diário Itinerante).

#### 4 A ESCOLHA

Após um período de indecisão entre as crianças e adolescentes com as quais eu trabalhava, decidi eleger três protagonistas: *Doidinho*, *Lua* e *Tati*. Penso que, de modo poético, não conseguiria “explicar” a minha escolha, mas sem dúvida foi a empatia que me conduziu a ela. As histórias e enredos tocaram-me e sensibilizaram-me de diversas formas, como por exemplo, o fato de não possuírem mais vínculos com suas famílias; os três experienciaram o abandono escolar, estavam há mais de cinco anos nas ruas e mantinham vínculos entre si, sendo que um deles não vivia em grupo na rua. O fato de haver uma menina negra entre eles também era tema de meu interesse. Os três perambulavam pelo bairro de Coqueiral de Itaparica. Assim esses três protagonistas se desvelaram a mim.

#### 5 O COTIDIANO E A HISTÓRIA DO MENINO DE SORRISO DOCE - LUA

[...] os relatos cotidianos contam aquilo que apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço (CERTEAU, 1994, p. 207).

Lua no seu “modo de *ser sendo*” fala pouco, tem uma docilidade encantadora na voz, nos gestos contidos. Fui impressionada por ele. Provocando-me ao que Freire (1985) denomina de “quefazer” do educador social de rua, a potência de seu ofício. Lua é um educando adorável e dialogar com ele, tem sido, por isso, um aprendizado constante, como bem destaca Freire (1993) ao revelar que todos nos educamos mutuamente. Segundo relatórios de educadores de rua da Secretaria de Ação Social, Lua está nas ruas desde os seis anos de idade.

[...] eu não gosto de sair daqui de Coqueiral, os moleques da Praia são muito tirados. Quando saio, só vou para Governador Valadares (MG), [lugar onde tem amigos também meninos em situação de rua]. Eu não gosto da praia! (Diário Itinerante).

Lua é conhecido dos moradores, não costuma cometer furtos. Essa é a sua – entre algumas táticas de sobrevivência, como diz Certeau (1994) – os *modos de ser sendo honesto* na situação dada aparecem. Ao ser perguntado sobre o assunto ele diz:

Tá doida Tia? Vê se eu vou sujar o lugar aqui? Se eu sujar para onde eu vou? Aqui todo mundo me dá comida, me dá roupa. Esses dias tinha um carinha querendo me bater e a dona do salão não deixou, vê se eu vou piranhar<sup>1</sup> aqui? (Diário Itinerante).

Lua também tem um *modo de ser sendo alegre*. Frankl (1991) destaca o papel do “humor” no “otimismo trágico” que ajuda transformar a experiência negativa em positiva. O humor pode levar a uma invenção tática (CERTEAU, 1994) do diálogo (FREIRE, 1989, 1993), instaurando forças ao enfrentamento. Encontrei Lua numa rua afastada de Coqueiral com o peito todo queimado. Pedia esmolas. Sorriu para mim e perguntou: [...] e ai tia, beleza? (Diário Itinerante). Nos “*modos de ser sendo do cuidado*” de “mim mesma” como educadora de rua, eu me assustei com seu estado e perguntei sobre as queimaduras. Ele respondeu que tinha cheirado muito, estava dormindo sozinho e acordou pegando fogo. [...] Acho que foram os ‘playboyzinhos’ daqui tia, se eu pego eles, vão ver” (Diário Itinerante). Na rua os meninos não costumam viver sozinhos. O outro é apoio. Geralmente, dormem em grupo para se protegerem, já que moram em “uma casa muito engraçada que não tem teto e não tem nada”.<sup>2</sup>

O fato dos meninos estabelecerem-se em locais não determinados, pode representar uma burla às normas sociais; o que obviamente nem sempre é aceito. Na alienação cotidiana, devido à ideologia dominante, o sujeito é oprimido, despojado de si mesmo – como destaca Paulo Freire (1988).

Tia, bateram tanto na gente... Em mim não bateram muito por que foi a primeira vez! Mas ‘os caras’ já tinham avisado a Lua que os policiais não o queriam mais aqui em Coqueiral. Eles quebraram ele todo... (Mar, um menino de 10 anos cuja família mora em Governador Valadares, Estado de Minas Gerais, que está nas ruas

de Coqueiral há aproximadamente um ano). Ele continua dizendo “aqui o pessoal é “mais ruim”<sup>3</sup> do que em Governador Valadares, eu vou embora (Diário Itinerante).

Apesar de não ter ido a escola, essa instituição é importante para Lua. Eu capturo isso! Um educador social deve sempre capturar esse sentimento! Lua não perdeu a capacidade de sonhar. São nos sonhos que seu mundo se transforma e os horizontes se abrem.

## 6 A HISTÓRIA DO MEU SEGUNDO PROTAGONISTA: O DOIDINHO “LINTON”

Linton é diferente de Lua – afinal todos somos diferentes! Trata-se de um menino de gargalhada farta, fácil. Um sujeito alegre como a canção popular bem (des)vela: “[...] o feto forte que escapou da morte” (GABRIEL, o pensador, 2003). Linton diz que tem 14 anos de idade e chama atenção de nós educadores e educadoras de rua por ser muito trabalhador. Está sempre fazendo alguma coisa, sempre envolvido em uma atividade que parece dar “sentido à sua vida” (FRANKL, 1991). Movimenta-se sorrindo como um trabalhador idealmente alegre com o que faz, e talvez por isso, um menino me disse que ele era “doidinho”. Os meninos estranham um dos seus no trabalho.

Conheci o menino Linton há três anos atrás. Era para ser uma noite calma em nosso trabalho, mas fomos informados que um menino havia sido baleado numa quadra abandonada na praça de Coqueiral. Ninguém sabia direito explicar quem era o menino, mas informações chegavam até nós dizendo ele não era do grupo de Coqueiral. Descreviam-no em um *modo de ser sendo só*. Um morador do bairro o teria baleado. Eram notícias desencontradas – um *modo de ser sendo nas auto-defesas*. Nós recebemos um telefonema dos profissionais da educação da Abordagem de Rua de Vitória (ES), pedindo que nossa equipe fosse até o hospital infantil reconhecer “um menino que havia sido baleado na cabeça e ninguém conseguia reconhecê-lo” (Diário Itinerante). No hospital reconhecemos Linton, apesar de bem deformado pelo tiro que levou.

Linton – como a maioria dos meninos e meninas em situação de rua – é muito pobre. Demoramos a encontrar sua casa e sua mãe – há, por assim dizer, uma “fuga” das famílias de um lugar para outro devido a essa pobreza. A miséria aqui ganha mais significado, pois a casa dele fica em uma espécie de buraco, em uma descida de morro. Linton tem 3 irmãos, e não é



filho do homem que atualmente vive com sua mãe. A mãe conta que prefere o filho na rua, pois seu marido atual já tentou matá-lo algumas vezes.

Meu marido não gosta de meu filho. Antes de ter o Linton eu já vivia com o meu marido, aí a gente brigou e eu saí de casa e por “azar” [no sentido de não ter controle ou opção frente ao fato] peguei barriga. Fui até num lugar lá no centro de Vitória para tirar o menino, mas meu dinheiro era pouco, tomei tanto chá e não adiantou nada, por isso que ele é assim agitado [justifica os sentimentos abandonicos e os *modos de ser sendo na solidão* de Linton] (Diário Itinerante).

Nossa surpresa foi muita ao reencontrar Linton seis meses depois nas ruas. Assim recomeçava a (sobre)vida de Linton. Não era o mesmo menino, às vezes não falava coisa com coisa, já não andava direito e os meninos passaram a chamá-lo de “doidinho”.

Certa noite estava com um dominó de palavras quando Linton se aproximou. Perguntei se ele queria jogar e não! Foi sua resposta. Mas, nos seus *modos de ser sendo curioso* ele me disse que não conhecia as letras. Disse que já tinha ido à escola: Mas, lá não aprendeu nada. Foi taxativo. Prosseguiu dizendo que:

Eu acho que aprender a ler é muito, mas muito difícil, só aprende a ler quem é muito, mas muito inteligente. [reforça] Eu não gostaria de aprender agora a ler. [disse em determinado momento da relação de ajuda estabelecida por mim junto a ele] (Diário Itinerante).

Algumas vezes eu reflito que entre os meninos em situação de rua, saber ler não é uma necessidade concreta e imediata. Essa tarefa da escola não foi apreendida como “coisa” de urgência. Paulo Freire (1985), em seus estudos, descreve a escola pública brasileira como burguesa e sem interesse efetivo em manter tais discentes no seu núcleo.

A escola em Paulo Freire (1985), é um espaço provocativo e de criatividade, conquistando o aluno e a aluna. Em seu poema “A escola” ele a define com rigor e sensibilidade, uma instituição que, se assim fosse, teria capturado Linton e outras crianças e adolescentes em situação de rua. Em Linton, parecia-nos que o sentimento predominante era o de ser rejeitado (como subjetividade naturalizada). A escola era algo que não discutia com ele. Parecia experienciar uma vida nômade, um opositor as regras institucionais escolares:

Ah, tia... As tia lá da escola davam graças a Deus quando eu faltava, eu mexia com todo mundo, andava o tempo inteiro, tenho nervoso de ficar parado, sentado o tempo todo, não sei como os caras lá conseguia, todo ano eu reprovava, mas eu sei algumas letras, sei escrever meu nome, quer ver? Eu tia, entrava na escola e saia, às vezes por que eu vinha para rua e passava muito tempo quando minha mãe pedia para eu voltar não podia mais, eu até gostava da escola, tinha merenda e eu jogava futebol com os moleques, mas só isso, as professoras são muito chatas, viviam brigando, mas os moleques também não paravam quietos, eu também, não sabia nada mesmo (Diário Itinerante).

No seu corpo miúdo, Linton trazia marcas físicas e em seu repertório gestual a dureza e a doçura do riso, como facadas, quedas, tiros. Ele foi resistindo a uma existência bem tóxica – no sentido simbólico. Seu sonho...

[...] quando eu crescer quero ter um depósito igual ao do Zoidi [que toma conta de um depósito que recebe material reciclado para revenda]. Aí eu vou colocar um monte de carrinho na rua, muito mesmo, vou ter dinheiro e dar uma casa para minha mãe e uma bicicleta para meu irmãozinho, vou dar um monte de boneca para minha irmã, um monte. (Diário Itinerante)

Tudo na rua (das crianças e adolescentes que nela vivem) é muito impreciso e inseguro. O dia passa, e a noite vem sem que percebamos. Para os educadores sociais de rua às vezes é impossível saber quando se dará o último diálogo ou o último acolhimento a esse ou aquele garoto. Esse profissional leva consigo as respostas de valor e de impacto (positivo ou negativo) de um único encontro, um único diálogo. De repente, Linton some.

Em uma manhã comum quando abri o jornal para ler como faço todas as manhãs. Observei uma pequena nota no canto do jornal informando que um adulto (o jornal erra ao chamar o adolescente de adulto) conhecido como Doidinho [leia-se Linton] havia sido morto por uma menor e um adulto a pedradas por conta de uma sacola de latinhas. Lembrei-me da canção de Gabriel Pensador (2003): “demorou, mas a pátria mãe gentil conseguiu realizar o aborto”. (Diário Itinerante).

Linton era o elo mais frágil de toda uma situação social de injustiça.

## 7 TATI, A GAROTA E SUA HISTÓRIA

Eu acompanho Tati há cinco anos, e ela é conhecida de conselheiros tutelares e das assistentes sociais. Eles afirmam que Tati encontra-se em situação de rua há oito anos. A menina em situação de rua vive um ônus a mais pelo fato de ser mulher. Tati, logo nos primeiros anos de vida foi “dada” por sua mãe a uma família extremamente pobre em Terra Vermelha.

[...] minha mãe, tia, era puta, tinha eu e meu irmão e me deu para minha avó [Tati chama de avó a senhora que ficou com ela, que cuidou dela um tempo nos seus *modos de cuidar descuidando* – pois a colocava pedindo esmolas nas ruas]. Essa, tia, nunca ia dar um filho meu, nunca [como fez sua mãe] (Diário Itinerante).

As meninas em situação de rua de uma maneira geral têm sua primeira experiência sexual muito novas e ainda em casa. Tati sofreu abusos em um local conhecido como “point” de prostituição masculina e feminina, além de espaço de sexo livre. Trata-se de uma praia deserta localizada no fim da Praia de Itaparica:

Tinha saído com minhas primas [netas da mulher que ela chama de avó] para pedir. Então dois homens chamaram a gente. Disseram que ia dar dez reais a cada uma. Nós fomos na hora. Ficamos com um pouco de medo mas fomos. Chegou lá tia ele amarrou a gente na árvore e só não comeu J. porque ela tinha 5 anos e ficou chorando muito. Eu não chorei nem G., mas fiquei com muito ódio dele. Se eu tivesse uma faca enfiava lá naquele lugar, tia! Ele fez pela frente, por trás, foi tanto sangue que saiu que a gente não conseguia andar. [fez um gesto com as mãos indicando o tamanho] (Diário Itinerante).

Tati tem algumas marcas causadas por surras levadas de meninos nas ruas. A violência de seus parceiros é encarada naturalmente, a violência policial, porém, é revoltante para ela.

Esses policiais também tia, quando pegam a gente, se a gente não faz o que eles querem, eles comem a gente na pancada, por isso a gente faz o que eles querem, eles levam a gente lá para o “cofre” (módulo da PM) e lá eles fazem de tudo, mordem o peito da gente enfiam o revólver dentro da gente, enfiam o dedo e manda a gente chupar eles, o careca tia (o sargento responsável pelo módulo) é o pior, acho que aquela praga nojenta não tem mulher não, eles não enfiam o “piru” (órgão genital masculino) na gente porque tem medo de pegar AIDS, mas o que eles têm na mão eles enfiam, filho da puta (Diário Itinerante).

Retomo um pouco agora à morte de Linton. A notícia de sua morte por assassinato produziu preocupações entre nós (educadoras), pois afinal ele era um dos nossos educandos. A notícia causou um forte impacto em mim, no meu *modo de ser sendo educadora-envolvida* com as questões humanas daquelas crianças, pois fui a primeira a ler sobre o ocorrido. Naquela mesma noite retorno às ruas, meu espaço de intervenção psicopedagógica e defronto-me, dessa vez existencialmente, com a notícia da morte daquele menino

Escutei os queixumes frente à perda tão próxima, e contra eles mesmos. Meu papel é escutar e não perguntar, pois perguntar aqui tem pouco sentido para a Educação Social, a não ser para a prática policial e jurídica. Segundo um policial do bairro, Tati e G. foram presos pela denúncia de alguém e foram pegos em flagrante. De certo modo, esse “flagrante” desvela insegurança, falta de controle e organização do evento violento. A garota foi encaminhada para a UNIP (Unidade de Internação Provisória).

## 8 IMPLICAÇÕES DESSE ESTUDO

A nossa proposta nesse estudo foi descrever alguns *modos de ser sendo (sobre)vivência* das crianças e adolescentes em situação de rua. Uma descrição fenomenológica-existencial presta-se justamente aos detalhes descritos e às sensibilidades subjetivas dentro do mundo-da-vida..

Viver num mundo de direitos sem direitos, *ser sendo* sem direito a ter direitos, sem ser considerado em sua humanidade apesar de tantos documentos a serem escritos, tantos acordos nacionais e internacionais selados. No mundo-da-vida das crianças e adolescentes em situação de rua o espaço público onde vivem e dormem não é público, pois nele essas crianças não são ouvidas. Elas não são ouvidas porque a sociedade não as considera como sujeitos de valor, por isso elas recorrem às táticas inventivas, às burlas, como meio de resistir e sobreviver em seu mundo-da-vida.

Destacamos, também, a importância de trabalhar-se psico-pedagogicamente crianças e adolescentes em situação de risco. O educador escolar e não escolar, lendo nossa produção, poderá (des)velar a si mesmo, nos *modos de ser sendo um aproveita(dor) estrategista* das “brechas” que sutilmente, ou não, se põem a sua frente. Isso significa que essas crianças e adolescentes precisam ser trazidas ao mundo do direito que nós humanos construímos e serem ensinadas sobre seus direitos, para que ele possa viver no mundo-da-vida com toda plenitude de ser humano.

---

<sup>1</sup> Termo usado nas ruas que quer dizer roubar.

<sup>2</sup> A casa, canção popular de Vinicius de Moraes (MORAES, acesso em 27 out. 2008).

<sup>3</sup> O professor Edson Maciel Junior, meu colega no mestrado UFES (2004-2006) afirma que por não ter nascido aqui no Espírito Santo percebe e vê bem esse “mais ruim” que o menino Mar destacou; ele tem percebido isso quando ouve várias pessoas descrevendo os requintes de crueldade e prazer quando tiveram oportunidade de alguma forma destruir uma pessoa, uma criança, um adolescente pobre e negro.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Luis Vieira de. **Tá na rua**: as representações dos educadores de rua. Xamã: São Paulo, 2001.
- BRASIL. Constituição (1998). **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- SCOREL, Sarah. **Vidas ao Léu**: trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 2001.
- FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schulupp e Carlos Aveline. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Educação popular**. 2. ed. Bahia: Equipe Todos irmãos, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Políticas e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GABRIEL, O Pensador. A Pátria que me pariu. In: \_\_\_\_\_ **MTV ao vivo**. São Paulo: Sony Music e MTV, 2003. 1 CD, faixa 03
- GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia social de rua**: uma análise e sistematização de uma experiência vivida. 3. ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1999.
- YALOM, Irvin D. **Quando Nietzsche chorou**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.